

HUMANAS E SOCIAIS

V.10 • N.1 • 2023 • Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3801

ISSN Impresso: 2316-3348

DOI: 10.17564/2316-3801.2023v10n1p549-560



A ARQUITETURA DO MEDO

THE ARCHITECTURE OF FEAR

LA ARQUITECTURA DEL MIEDO

Leandro da Costa Barreto¹

Pablo Silva Lira²

RESUMO

Pretende-se, neste artigo, apresentar a arquitetura do medo e a insegurança, comuns entre a população dos centros urbanos das cidades brasileiras. Tal realidade tem produzido impactos importantes sobre a vida urbana, como a ampliação da autoss segregação residencial. **Recebido em:** 30 de Julho de 2021

Avaliado em: 31 de Julho de 2023

Aceito em: 1 de Agosto de 2023 al, o que leva a ampliação das desigualdades socioespaciais. As grades invadiram as janelas, as câmeras e a segurança privada estão cada vez mais presentes no cotidiano da cidade. O referencial teórico aponta renomados pesquisadores, como: Arantes (2015), Dos Santos (2016), Bauman (2009), Caldeira (2011), Paterzani (2018), onde se buscou suporte teórico para que se formalize a veracidade das informações, por se tratar de um tema relevante para a sociedade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois considera-se que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. Ainda considera-se descritiva, pela oportunidade que oferece em descrever fenômenos, como a “arquitetura do medo”, envolvendo o uso da observação e de imagens para melhor identificar os dados levantados. Afirma-se, pois, que a crescente violência urbana, é uma das principais preocupações atuais, no que diz respeito à qualidade de vida dos moradores nas cidades e os seus medos.

PALAVRAS-CHAVE

Medo e Insegurança. Violência. Espaço Urbano. Proteção de Moradias.

ABSTRACT

It is intended, in this article to present the architecture of fear and insecurity, common among the population of urban centers of Brazilian cities. This reality has produced important impacts on urban life, such as the expansion of residential self-segregation, which leads to the expansion of socio-spatial inequalities. The bars have invaded the windows, cameras and private security are increasingly present in the daily life of the city. The theoretical framework points to renowned researchers, such as: Arantes (2015), Dos Santos (2016), Bauman (2009), Caldeira (2011), Paterzani (2018), where theoretical support was sought to formalize the veracity of information, because it is a relevant theme for society. This is a qualitative research, because it is considered that there is a dynamic relationship between the real world and the subject. It is still considered descriptive, due to the opportunity it offers to describe phenomena, such as the “architecture of fear”, involving the use of observation and images to better identify the data collected. It is therefore stated that the growing urban violence is one of the main current concerns, with regard to the quality of life of residents in cities and their fears.

KEYWORDS

Fear and Insecurity. Violence. Urban Space. Housing Protection.

RESUMEN

Se pretende, en este artículo, presentar la arquitectura del miedo y la inseguridad, común entre la población de los centros urbanos de las ciudades brasileñas. Esta realidad ha producido impactos importantes en la vida urbana, como la expansión de la autosegregación residencial, que conduce a la expansión de las desigualdades socioespaciales. Las rejas invadieron las ventanas, las cámaras y la seguridad privada están cada vez más presentes en el día a día de la ciudad. El marco teórico apunta a investigadores de renombre, como: Arantes (2015), Dos Santos (2016), Bauman (2009), Caldeira (2011), Paterzani (2018), donde se buscó el sustento teórico para formalizar la veracidad de la información, pues es un tema relevante para la sociedad. Se trata de una investigación cualitativa, ya que se considera que existe una relación dinámica entre el mundo real y el sujeto. Todavía se considera descriptivo, debido a la oportunidad que ofrece para describir fenómenos, como la “arquitectura del miedo”, que implica el uso de la observación y las imágenes para identificar mejor los datos recopilados. Se afirma, por tanto, que la creciente violencia urbana es una de las principales preocupaciones actuales, en cuanto a la calidad de vida de los habitantes de las ciudades y sus miedos.

PALABRAS CLAVE

Miedo e Inseguridad. Violencia. Espacio urbano. Protección de Vivienda.

1 INTRODUÇÃO

Pretende-se, nesse artigo, apresentar a arquitetura do medo e a insegurança, comuns entre a população dos centros urbanos das cidades brasileiras, tendo em vista as transformações sociais e urbanas, como o crescimento dos índices de violência, o tráfico de drogas, as desigualdades sociais, a segregação socioespacial, entre outros fatores.

O crescimento da população mundial, somado à elevação das exigências do homem, cada vez mais distante de suas raízes naturais, cujas bases são direcionadas a um alto nível de consumo, distancia-se dos cuidados necessários para preservação da especificidade da vida social nos grandes centros urbanos surgidos a partir do século XIX, com a expansão das grandes cidades surgidas a partir da Revolução Industrial (1760-1840).

Segundo Arantes (2015, p. 46-47):

As transformações ocorridas na economia mundial nas últimas décadas – globalização, reestruturação produtiva e o neoliberalismo – impactaram fortemente sobre a estrutura das grandes cidades mundiais, entre elas as brasileiras. Os ajustes neoliberais dos anos 90 contribuíram para a configuração de importantes crises, que foram marcadas pelo aumento do desemprego, da pobreza, da vulnerabilidade social e, principalmente, da violência urbana.

A violência urbana é um fenômeno contemporâneo, resultado das políticas voltadas à reprodução do capital, via produção imobiliária e exploração do medo da violência urbana. Tal realidade tem produzido impactos importantes sobre a vida urbana, como a ampliação da autosegregação residencial, o que leva a ampliação das desigualdades socioespaciais.

No Brasil, especificamente, a nova fase de modernização capitalista teve impactos consideráveis sobre a vulnerabilidade social urbana. O tráfico territorializado de drogas avançou, criando localidades praticamente fora do controle do Estado. O aumento das desigualdades sociais configurou uma crise de grande envergadura que contribuiu para a deteriorização das relações de sociabilidade e de confiança, ampliando a segregação e o medo (Arantes, 2015, p. 47).

Além das consequências da violência nas diferentes esferas sociais, como furtos, roubos, arrombamentos, existem aquelas que refletem no campo do simbólico, responsável pelo sentimento de medo e insegurança que afligem diferentes níveis da sociedade. Este medo está se globalizando e

trazendo efeitos visíveis à paisagem, o desenvolvimento de fobias e a busca por aparatos de vigilância, que são utilizados com maior ou menor frequência em diferentes cidades.

1.2 REORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

De certa forma, o ambiente citadino contribui para a ocorrência do medo por fatores como: a segregação socioespacial, a concentração populacional e a desigualdade na distribuição de renda.

Na atualidade, a população residente em centros urbanos brasileiros tem vivido sob o espectro da violência criminal-medo. Porém nestes últimos anos, a questão do medo tem sido tratada também a partir das análises estatísticas de incidências criminais compiladas pelos órgãos de segurança pública, onde o crime se espacializa no tecido urbano e em consequência disso os residentes procuram se proteger de diversas maneiras, uma delas é o enclausuramento das residências por medo destas ações violentas (Dos Santos, 2016, p. 29-30).

Entende-se, que tal situação surge, segundo Bauman (2009), de um “duplo movimento”: a concentração do capitalismo nas grandes áreas urbanas e os grandes fluxos populacionais de uma intrínseca distribuição de renda: “[...] bairros nobres, com a formação de uma elite global móvel e altamente profissionalizada, seja nos bairros populares, com a ampliação dos cinturões periféricos, onde se junta uma enorme quantidade de populações deserdadas” (Bauman, 2009, p. 8).

O medo da violência e da criminalidade possibilitam o surgimento de novos produtos e de serviços retoolimentados pela alegação da insegurança, impulsionando um lucrativo mercado – a indústria do medo.

De forma afirmativa, Bauman (2009, p. 8) complementa:

O efeito desse duplo movimento é evidente na vida cotidiana de quem mora na cidade contemporânea: enquanto os bairros centrais são valorizados e tornam-se objetos de grandes investimentos urbanísticos, outras áreas são corroídas pela degradação e tornam-se marginais. Quem possui recursos econômicos, ou tem condições de deslocar-se tenta se defender criando verdadeiros enclaves, nos quais a proteção é garantida por empresas privadas de segurança, ou transferindo-se para áreas mais tranquilas e nobres. Os mais pobres (ou seja, aqueles que são obrigados a permanecer onde estão) são forçados, ao contrário, a suportar as consequências mais negativas das mudanças. Isso só pode gerar um crescente e difuso sentimento de medo.

Grande parte dos municípios brasileiros é caracterizada pela irregularidade e até mesmo ilegalidade no processo de expansão e desenvolvimento urbano. Loteamentos irregulares, invasões, favelas e outros assentamentos precários se transformam, a curto prazo de tempo, em forma predominante de ocupação do espaço residencial, principalmente para habitantes de baixa renda. Para enfrentar tal situação, é fundamental uma intervenção do Poder Público no que se refere ao fortalecimento da capacidade técnica e institucional dos municípios.

O conceito de desenvolvimento urbano, que vem sendo pauta constante da vida das grandes cidades brasileiras, pode ser definido como um conjunto de ações, estratégias e instrumentos necessários para a transformação da cidade, tendo como objetivo principal o seu desenvolvimento econômico, social e ambiental. Econômico, pois as estratégias buscam promover uma melhor qualificação de renda e criar oportunidades de emprego para a população; social porque são ações que visam reduzir as diferenças entre classes enquanto buscam mitigar os processos de vulnerabilidade da cidade, vinculados à qualidade de vida e ao índice de desenvolvimento humano (Partezani, 2018, on-line).

A repercussão da presença do medo promove a reorganização do espaço urbano, influenciando na identidade cultural, uma vez que promove políticas de inclusão ou exclusão do outro, desestabilizando as relações humanas.

Bauman (2009, p. 20) afirma que “A dissolução da solidariedade representa o fim do universo no qual a modernidade sólida administrava o medo”. E ainda, sobre a proteção e o medo:

Todos que têm condições adquirem seu apartamento num condomínio: trata-se de um lugar isolado que fisicamente se situa dentro da cidade, mas, social e idealmente, está fora dela. “Presume-se que as comunidades fechadas sejam mundos separados. As mensagens publicitárias acenam com a promessa de ‘viver plenamente’ como uma alternativa à qualidade de vida que a cidade e seu deteriorado espaço público podem oferecer.” Uma das características mais relevantes dos condomínios é “seu isolamento e sua distância da cidade... Isolamento quer dizer separação de todos os que são considerados socialmente inferiores”, e – como os construtores e as imobiliárias insistem em dizer – “o fator-chave para obtê-lo é a segurança. Isso significa cercas e muros ao redor dos condomínios, guardas (24 horas por dia) vigiando os acessos e uma série de aparelhagens e serviços ... que servem para manter os outros afastados” (Bauman, 2009, p. 39).

2 ESPAÇOS FECHADOS E EQUIPAMENTOS DE SEGURANÇA

Os espaços fechados, com vigilância, controle de entrada e saída, ou seja, os condomínios de alto padrão, propõem um novo estilo de morar. Notadamente, as propagandas prometem segurança nessas microcidades divididas em residências, espaços para lazer e esportes.

Com relação aos espaços fechados, Caldeira (2011, p. 258) assegura que:

Os condomínios fechados são a versão residencial de uma categoria mais ampla de novos empreendimentos urbanos que chamo de enclaves fortificados. Eles estão mudando consideravelmente a maneira como as pessoas das classes média e alta vivem, consomem, trabalham e gastam seu tempo de lazer. Eles estão mudando o panorama da cidade, seu padrão de segregação espacial e o caráter do espaço público e das interações públicas entre as classes.

Esses espaços fechados por muros e protegidos por outros aparatos de segurança abriga classes sociais homogêneas que de certa forma, dissipa o medo dos seus ocupantes. O medo pode ser definido por uma grande emoção que envolve sentimento habitualmente desagradável, provocado pela percepção de um perigo, seja ele presente ou futuro, real ou suposto. É também considerado uma das emoções primárias que resultam da “aversão natural” à ameaça iminente de um risco ou uma ameaça real ou imaginária.

Esses novos enclaves fortificados são, em geral, empreendimentos multifuncionais, que pretendem centralizar moradia, trabalho, lazer e serviços, com o objetivo manifesto de se criar um novo bairro fechado e seletivo, uma “cidade” blindada dentro da cidade, oferecendo além da segurança, divertimento, qualidade de vida, felicidade da família e facilidades diversas (Arantes, 2015, p. 19).

São diversas as possibilidades de modelos e significados relacionados à arquitetura do medo, bem como, múltiplos exemplos encontrados nas cidades brasileiras presentes em classes sociais de padrões variados, em seu respectivo território socioespacial. Observa-se, nas Figuras 1 e 2, dupla proteção: muro alto e serpentina.

Figura 1 – Muro alto, serpentina, cerca elétrica



Fonte: <https://www.google.com/search?sxsrf>. Acesso em 10 out, 2023.

Figura 2 – Muro alto e serpentina



Fonte: <https://www.google.com/search?sxsrf>. Acesso em: 10 out. 2023.

A segregação – tanto social quanto espacial – é uma característica importante das cidades. As regras que organizam o espaço urbano são basicamente padrões de diferenciação social e de separação. Essas regras variam cultural e historicamente e revelam os princípios que estruturam a vida pública e indicam como os grupos sociais se inter-relacionam no espaço da cidade. A vivência nesses espaços não apenas é reflexo da busca da homogeneidade social e da sua consequente (presumida) proteção, como afirma Bauman (2009, p. 46):

Como as pessoas esqueceram ou negligenciaram o aprendizado das capacidades necessárias para conviver com a diferença, não é surpreendente que elas experimentem uma crescente sensação de horror diante da ideia de se encontrar frente a frente com estrangeiros. Estes tendem a parecer cada vez mais assustadores, porque cada vez mais alheios, estranhos e incompreensíveis. E também uma tendência para que desapareçam – se é que já existiram – o diálogo e a interação que poderiam assimilar a alteridade deles em nossa vida. É possível dizer que o impulso para um ambiente homogêneo, territorialmente isolado, tenha origem na *mixofobia*: no entanto, *colocar em prática* a separação territorial só fará alimentar e proteger a mixofobia [...].

A perda do *modus convivendi* identificado por Bauman (2009) como resultado da mixofobia e da vida nas comunidades de vizinhança parece ter efeitos insidiosos sobre a socialização de crianças e jovens. Nas zonas urbanas há pouco espaço para a solidariedade e a criação de elos entre os indivíduos e assim, o sentimento de invisibilidade é mais acentuado.

Alves (2003) comenta que espaços públicos de qualidade, bem projetados e com adequada gestão, desempenham papel crucial na promoção da qualidade de vida e contribuem positivamente para cidades mais saudáveis em termos sociais, ambientais e econômicos. Ao satisfazer requisitos de conforto, segurança e relaxamento, esses locais favorecem a significação do lugar e garantem qualidades gratificantes aos usuários.

Entretanto, o crescimento da criminalidade violenta no Brasil e nos demais países latino-americanos tem gerado uma ampliação dos sentimentos de medo e insegurança. A sociabilidade violenta está presente no cotidiano da população, especialmente nos grandes centros.

A exposição midiática das ameaças à segurança se tornou um elemento na guerra pelos índices de audiência nos meios de comunicação e uma arquitetura do medo se afirmou como o principal elemento atual dos produtos imobiliários, como os condomínios fechados, denominados por Caldeira (2011) de “enclaves fortificados”.

Os “muro” e/ou “grade”, cuja finalidade é proteger pela dificuldade de sua transposição, tomado aqui como exemplo, pode ser visto atualizado e materializado nas múltiplas arquiteturas do medo – Figuras 3 e 4.

Figuras 3 e 4 – Grades, condomínio fechado, lanças, porteiro presencial

Fonte: <https://www.google.com/search?sxsrf>. Acesso em: 10 out. 2023.

Ao longo da história sempre houve ameaças e violências de roubo de bens, mais ainda, de quem os tem em abundância. No Brasil contemporâneo, a criminalidade se desenvolve em níveis alarmantes, demonstradas diariamente nos meios midiáticos.

A segregação – tanto social quanto espacial – é uma característica importante das cidades. As regras que organizam o espaço urbano são basicamente padrões de diferenciação social e de separação. Essas regras variam cultural e historicamente, revelam os princípios que estruturam a vida pública e indicam como os grupos sociais se inter-relacionam no espaço da cidade (Caldeira, 2011, p. 211).

2.1 MEDO E INSEGURANÇA

No Brasil, a nova fase de modernização capitalista teve impactos consideráveis sobre a vulnerabilidade social urbana trazendo transtornos à população, no que diz respeito à segurança. O aumento das desigualdades sociais configurou uma crise de grande envergadura que contribuiu para macular as relações de sociabilidade e de confiança, ampliando a segregação e o medo nas cidades.

A necessidade de roubar, de alguns; a defesa e proteção contra esses atos de forma mais criativa possível; a não aceitação das diferenças entre ricos, pobres, culturas, religiões, raças têm levado às violências, medos e segregação que têm, na Arquitetura do Medo, uma materialização explícita.

O incremento do medo e da “militarização da questão urbana” no Brasil tem ocasionado também outras consequências sobre os padrões de sociabilidade nas grandes cidades. Estão cada vez mais presentes nos grandes centros, também como resultado desses sentimentos de medo, as práticas dos grupos de extermínio, milícias armadas que se colocam numa condição paramilitar e, mais atualmente, a ação de grupos de “justiceiros” que têm agido “por conta própria”, e de forma ilegal, contra o crime e aqueles considerados criminosos (Souza, 2008).

A sensação de medo e insegurança irradia tanto das relações com o outro, quanto das relações que as pessoas estabelecem com seus espaços de moradia, favorecendo a sensação constante da impossibilidade de segurança.

De acordo com Bauman (2009, p. 47):

Todos sabem que viver numa cidade é uma experiência ambivalente. Ela atrai e afasta; mas a situação do cidadão torna-se mais complexa porque são exatamente os mesmos aspectos da vida na cidade que atraem e, ao mesmo tempo ou alternadamente, repelem. A desorientadora variedade do ambiente urbano é fonte de medo, em especial entre aqueles de nós que perderam seus modos de vida habituais e foram jogados num estado de grave incerteza pelos processos desestabilizadores da globalização. Mas esse mesmo brilho caleidoscópico da cena urbana, nunca desprovido de novidades e surpresas, torna difícil resistir a seu poder de sedução.

O medo, geralmente abordado como um conceito difuso, gera em torno de sua análise temas como: violência, insegurança, políticas urbanas, subjetividades e comportamentos sociais diversos. Reflexões importantes sobre o medo, são narradas pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) em uma de suas publicações, quando discorre sobre Medo Líquido (2008).

2.2 O MEDO LÍQUIDO SEGUNDO BAUMAN

Bauman em sua obra Medo Líquido (2008), tece conceitos acerca do “medo”, os quais, alinhava-se o que se pode chamar de redesenho. Apesar da abrangência do assunto, foca no medo referente às cidades e a segurança na modernidade. Bauman descreve a respeito de uma nova época em que as relações sociais, econômicas e de produção são frágeis, fugazes e maleáveis, como os líquidos.

A promessa moderna de evitar ou derrotar uma a uma todas as ameaças à segurança humana foi até certo ponto cumprida – embora não a promessa reconhecidamente exagerada, altamente ambiciosa e com toda probabilidade impossível de cumprir, de acabar com elas de uma vez por todas. O que, no entanto, deixou flagrantemente de se materializar é a expectativa de liberdade em relação aos *medos* nascidos da insegurança e por esta alimentados (Bauman, 2008, p. 169).

Nessa perspectiva, a constante busca pela segurança se faz mister delinear a conjuntura teórica em torno do descrédito da insegurança no mundo moderno gerada pelo fenômeno da urbanização. Segundo Bauman (2008, p. 9) “O medo é um sentimento conhecido de toda criatura viva”.

Os perigos dos quais se tem medo (e também os medos derivados que estimulam) podem ser de três tipos. Alguns ameaçam o corpo e as propriedades. Outros são de natureza mais geral, ameaçando a durabilidade da ordem social e a confiabilidade nela, da qual depende a segurança do sustento (renda, emprego) ou mesmo da sobrevivência no caso de invalidez ou velhice. Depois vêm os perigos que ameaçam o lugar da pessoa no mundo – a posição na hierarquia social, a identidade (de classe, de gênero, étnica, religiosa) e, de modo mais geral, a imunidade à degradação e à exclusão sociais. Mas numerosos estudos mostram que, nas consciências dos sofredores, “medo derivado” é facilmente

“desacoplado” dos perigos que causam. As pessoas às quais ele aflige com o sentimento de insegurança e vulnerabilidade podem interpretá-lo com base em qualquer dos três tipos de perigos – independentemente das (e freqüentemente em desafio às) evidências de contribuição e responsabilidade relativas a cada um deles. As reações defensivas ou agressivas resultantes, destinadas a mitigar o medo, podem assim ser dirigidas para longe dos perigos realmente responsáveis pela suspeita de insegurança (Bauman, 2008, p. 10).

A modernidade impõe uma sociedade de insegurança, risco e medo. O entendimento para tal complexidade, permeia a análise das implicações que se manifestam no processo das inter-relações entre indivíduo e sociedade. O que se deseja é um ambiente digno e capaz de assegurar o bem estar social de todos, sendo necessário o aprofundamento nas questões que viabilizem o efetivo bem para a sociedade, com interferência eficaz do poder público e severa responsabilização daqueles que infringirem os princípios da segurança coletiva. Bauman (2008, p. 13) diz que: “Como todas as outras formas de coabitação humana, nossa sociedade líquido-moderna é um dispositivo que tenta tornar a vida com medo uma coisa tolerável”.

As oportunidades de ter medo estão entre as poucas coisas que não se encontram em falta nesta nossa época, altamente carente em matéria de certeza, segurança e proteção. Os medos são muitos e variados. Pessoas de diferentes categorias sociais, etárias e de gênero são atormentadas por seus próprios medos; há também aqueles que todos nós compartilhamos - seja qual for a parte do planeta em que possamos ter nascido ou que tenhamos escolhido (ou sido forçados a escolher) para viver (Bauman, 2008, p. 31).

Entende-se que a crescente violência urbana, é uma das principais preocupações atuais, no que diz respeito à qualidade de vida dos moradores nas cidades e os seus medos. Com ameaça à tranquilidade do uso dos espaços públicos e a ansiedade gerada pelo medo, causa um misto de emoções volúveis caracterizada por uma tensão ou desconforto derivado da antecipação de perigo, de algo desconhecido ou estranho na rotina entre as pessoas.

Bauman, (2008, p. 94) afirma que: “As parcerias não se fortalecem, os medos não se dissipam”. Entretanto, a indústria da construção e a indústria do medo, oferecem espaços de segurança dentro de condomínios habitacionais verticais e/ou horizontais fechados, deixando zonas de medo nas ruas e nos espaços público urbanos. A arquitetura do medo é transvestida num grande potencial de lucro para os investidores imobiliários.

As cidades brasileiras sofrem com o processo de crescimento retratadas pelo medo e a violência urbana. De acordo com Bauman (2008, p. 11),

O que mais amedronta é a ubiqüidade dos medos; eles podem vazar de qualquer canto ou fresta de nossos lares e de nosso planeta. Das ruas escuras ou das telas luminosas dos televisores. De nossos quartos e de nossas cozinhas. De nossos locais de trabalho e do metrô que tomamos para ir e voltar. De pessoas que encontramos e de pessoas que não conseguimos perceber.

3 CONCLUSÃO

Questões de valorização e segurança do espaço público têm sido negligenciadas pela ausência de políticas públicas que minimizem as desigualdades sociais, econômicas, culturais, dos preconceitos estabelecidos e principalmente da violência e do medo urbano. Atualmente, o medo caracterizado por roubos, assaltos, latrocínios, sequestros. Por necessidade de sobrevivência ou consumo de drogas, leva medo à população que se protege com diferentes acessórios e dispositivos. Os motivos para as já mencionadas violências e crimes desafiam o poder público e a sociedade, além dos centros especializados nos estudos dessa problemática, porém, de causas complexas, são problemas ainda em busca de solução para o problema ora posto.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Rafael de Aguiar. A cidade do medo: segregação, violência e sociabilidade em Salvador. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n. 235, p. 45-73, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros – crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2000.

PARTEZANI, Gustavo. Desenvolvimento urbano e políticas públicas. **Arquivo Futuro Brasil**. Disponível em: arqfuturo.com.br
Acesso em: 5 maio 2022.

SANTOS NETO, João Marcos dos. **Arquitetura do medo e seus reflexos no espaço urbano de Feira de Santana. O caso do bairro Santo Antônio dos Prazeres**. 2016. 244 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SOUZA, Márcio Lopes. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

Recebido em: 17 de Fevereiro de 2023

Avaliado em: 31 de Julho de 2023

Aceito em: 1 de Agosto de 2023



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

1 Mestre em Segurança Pública pela Universidade de Vila Velha/ES; Especialista em Direito Imobiliário e Direito do Consumidor pela Faculdade IBMEC – Instituto Damásio de Direito e em Processo Civil pela Faculdade de Direito de Vitória – FDV; Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES; Tem ampla experiência em advocacia pública e privada; Participou de Comissões de Direito Imobiliário, Regularização Fundiária e Direito Regulatório da OAB-ES; Exerceu cargos de Assessor Especial no MP/ES, Subprocurador Geral no Município de Fundão/ES; Procurador do DER/ES; Pesquisador e escritor com trabalhos publicados em forma de artigos em revistas científicas e jornais locais; Advogado, com atuação nas áreas Cível, Consumidor e Administrativo com destaque em Direito Urbanístico, Ambiental e Improbidade Administrativa; Procurador do Município de Guarapari/ES, lotado no Setor de Licitações e Contratos. E-mail: barretoadvlcb@gmail.com

Possui doutorado no Programa de Pós-graduação (Doutorado) em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo (2019); mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (2009); especialização em Conservação e Manejo da Diversidade Vegetal pela Universidade Federal do Espírito Santo (2008); aperfeiçoamento em Planejamento Urbano pela Université de Cergy-Pontoise (2003); graduação em Geografia Bacharelado pela Universidade Federal do Espírito Santo (2006); graduação em Geografia Licenciatura Plena pela Universidade Federal do Espírito Santo (2005). E-mail: barretoadvlcb@gmail.com

Copyright (c) 2023 Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

